

OS EXOPLANETAS. BREVE REFLEXÃO TEOLÓGICA

Será que existe vida e vida consciente sobre outros planetas? A questão foi várias vezes evocada por Teilhard de Chardin e, de certa maneira, com toda a naturalidade. Esta questão é primordialmente científica e devemos, portanto, ouvir os cientistas, embora nos seja presentemente difícil imaginar a possibilidade de discernir o grau de evolução da vida em planetas imensamente remotos, assim como julgar que será possível entrar em comunicação com seres conscientes habitando neles. De todo o modo, estaríamos perante um leque de questões que nos mergulhariam numa grande perplexidade, no caso de se tratar de vida consciente.

Num dos seus escritos, o Padre Luís Archer comentava a probabilidade do aparecimento da vida na terra e concluía que se pode quantificar esta probabilidade como correspondendo à fórmula seguinte: zero, vírgula vinte e três zeros um. Contudo, face a imensidade do universo, Teilhard de Chardin não hesitou em afirmar: «*Simétrica à deriva cósmica que faz constantemente desagregar-se, à nossa volta, com emissão de energia, os átomos, a Vida (seja ela localizada em alguns planetas por jogo de probabilidades) impõe-se a nós cada vez mais como uma corrente de fundo segundo a qual a Matéria tende para arranjar-se sobre si, com emersão de consciência*»¹ (tomo 5, p. 221).

Se tal for o caso, uma questão teológica não deixa de surgir quase imediatamente: qual será a relação dos habitantes dos planetas ou exoplanetas com a salvação que nos vem de Jesus Cristo? Como é que poderão pensar a criação? Será que Deus também se terá revelado a eles, e como? Também terão tido conhecimento de uma Encarnação? Conhecerão o problema do mal e da redenção? Na verdade, estamos em pleno mistério e todas as nossas respostas são meras conjecturas relativamente a um problema que ainda não se colocou de modo sério.

Gostaria de esboçar a esse respeito algumas reflexões pessoais, de natureza filosófica e teológica. O primeiro pressuposto da resposta inspira-se no tratado de São Tomás de Aquino sobre os anjos: o que o Doutor Angélico afirmou sobre os anjos ajuda em primeiro lugar a compreender o que é o espírito no ser humano; com efeito, se admitimos que os anjos são, por definição, seres unicamente espirituais e não materiais, então o que se diz do seu espírito esclarece lateralmente o que é o espírito humano, dado que é a partir deste que temos uma aproximação à realidade espiritual em geral. Por outro lado, o que diremos da redenção por Cristo, em relação a eventuais habitantes de outros planetas, provém da nossa compreensão da redenção humana, que nos é destinada, a nós, habitantes da terra. Noutros termos, a resposta à questão teológica sobre a teoria e a realidade da criação e da redenção para os seres conscientes de outros planetas será sempre um reflexo da nossa própria compreensão terrestre dessas problemáticas assim como um desafio à sua coerência.

Em primeiro lugar, devemos lembrar uma verdade teológica fortemente acentuada por Tomás de Aquino e retomada pela tradição cristã. «*De Deus não sabemos o que ele é, mas apenas que ele é*» (*De Deo non scimus quid sit, sed quod sit*), isto é, só sabemos que ele existe. Se já é o caso para nós, a fortiori é um mistério suplementar a modalidade da relação entre Deus e tais seres conscientes de exoplanetas habitados.

Contudo, há uma coisa que sabemos de Deus e que se pode exprimir em termos filosóficos e teológicos: em termos teológicos, diremos que Deus é trinitário, Pai, Filho e Espírito Santo. Na linguagem da filosofia, devemos afirmar que existe uma alteridade em Deus. Isso significa que a unidade simples do ser divino é atravessada por aquilo que se pode caracterizar como uma diferença interna: o Pai divino *difere* do Filho único divino, e reciprocamente, o Filho não é o Pai celeste. A

¹ P. TEILHARD DE CHARDIN, *L'avenir de l'homme*, Paris, Seuil, 1959, p. 221.

unidade intrínseca de Deus é uma unidade complexa, cuja complexidade não altera o seu fundo de unidade, em si simples. Acrescentaria que isso nos é muito favorável, porque se não houvesse uma diferença ontológica no próprio ser divino, a criação seria impossível: só existiria a unidade divina, sem exterioridade e sem possibilidade de exteriorização. Com efeito, a criação do universo com todos os seus conteúdos seria impossível se Deus estivesse apenas virado para a sua interioridade sem diferença, isto é, se o Pai divino não fosse Pai, se não houvesse o Filho em Deus. Estaríamos na situação do *Uno* de Parménides, segundo o diálogo platónico do mesmo nome. Pelo contrário, para que a criação – criação ad extra – seja possível, Deus deve ser capaz de sair de si mesmo. E, para Deus-Pai, a primeira maneira de sair de si, de se virar para algo que difere de si, é precisamente o que a linguagem cristã afirma como relação de paternidade e de filiação no próprio ser de Deus.

Ora, a patrística dos primeiros séculos caracterizou primordialmente essa relação como união do pólo divino Gerador (o Pai) e do pólo Gerado (o Filho). Em meu entender, a fé cristã repousa numa compreensão genial do mistério divino: Deus, na sua plena unidade intrínseca, não está sozinho. Ele é Pai e Filho. Que o Filho em Deus tenha também sido chamado Palavra, Verbum ou Logos, mostra já a finitude da nossa linguagem, que precisa de vários registos metafóricos, para exprimir o indizível: este indizível afirma-se, pelo recurso à metáfora familiar, como relação Pai – Filho, e, pelo recurso à metáfora da inteligência: por um lado, a inteligência divina que profere interiormente a Palavra (isto é, o Pai) e, por outro, num face a face, a Palavra proferida também para fora que regressa ao pólo divino originário (isto é, o Filho, embora este «fora» esteja ainda interior em Deus). No fim de contas, recorreremos a comparações com o que acontece na nossa vida – a relação familiar Pai-Filho e a vida da inteligência, para exprimir, com a nossa linguagem, o mistério indizível de Deus.

Porém o mais importante desta linguagem da teologia cristã é, para a teologia cristã, a ideia da pluralidade das pessoas divinas na seio da sua unidade. Esta compreensão de Deus pode ser considerada como um requisito para a possibilidade da criação divina do nosso universo inteiro. Com efeito, se Deus existisse numa unidade interna sem nenhuma diferenciação intrínseca, não faria sentido falar de uma criação entendida como saída de Deus fora da sua unidade. Deus ficaria por assim dizer fechado dentro de si mesmo e nada fora dele existiria. Isso ainda não explica o sentido da criação, ainda não caracteriza a relação de Deus com o universo das criaturas, mas pelo menos faz compreender que a criação divina não é impossível.

Tal é, a meu ver, o primeiro passo para compreender a possibilidade da relação de Deus com a eventual vida consciente em exoplanetas. Esta vida desenvolver-se-ia então numa outra parte do nosso cosmos material. Ora, sempre a teologia cristã pensou que o universo material não esgotava o poder criativo de Deus. Por exemplo, como já foi dito, os anjos, sendo espíritos finitos, foram pensados como criaturas não materiais, mas espirituais; mas segundo a escolástica, cada anjo constitui um universo único, no qual não há, como no nosso universo material, biliões de exemplares. Assim, no nosso universo material, cada homem é um exemplar único e singular de todo o conjunto dos homens, isto é, da humanidade total, contrariamente a cada anjo que esgota todas as possibilidades da sua espécie e que, por isso mesmo, constitui um cosmos inteiro. Isso mostra que o universo material é, na escolástica, apenas uma parte ínfima do mundo criado por Deus. Esta ideia da escolástica sobre os anjos – quer acreditemos neles, quer não – mostra a imensidade dos universos criados, de tal modo que não se pode a priori limitar ao nosso universo material o poder criativo de Deus. Quando a física actual emite a teoria, já não de um único universo, mas de um «multiverso» de universos que se compenetraram fisicamente, a nossa imaginação perde pé; tal como não nos podemos representar o que é um anjo, se existe, também não sabemos o que pode ser um ser de exoplaneta. No filme já antigo E.T., o ser do exoplaneta é representado como uma espécie de simpático batráquio, com uma cabeça, olhos e orelhas que lembram a espécie humana...

Voltemo-nos então para Teilhard de Chardin, cuja visão teológica é profundamente dinâmica; Cristo é o momento culminante da criação; culminante, no sentido em que o cosmos é, para nós, apenas a primeira expressão, ainda muito incompleta, do Logos divino. Dentro do cosmos, o aparecimento do ser humano constitui uma etapa, um momento mais centrado e concentrado do universo criado. Contudo, esta etapa não é um momento isolado, mas mergulha no universo criado. Além disso, para Teilhard de Chardin, Cristo universal atrai tudo para ele. Notemos que esta maneira de ver está em perfeita consonância com o que lemos no início da *Epístola aos Hebreus*, a qual mostra que é pela sua ressurreição que Cristo se tornou plenamente Filho de Deus. «*Resplendor da sua glória e imagem fiel da sua substância*», diz, ao falar de Cristo, o princípio desta epístola. Mas, segundo os melhores exegetas (Spicq e Vanhoye), tais expressões incidem não no nascimento terrestre de Jesus, mas no seu nascimento no momento da ressurreição. Assim, existe um dinamismo, uma progressão pela qual, por assim dizer, é pouco a pouco que Jesus se tornou plenamente filho de Deus, até ser assumido com o Logos divino pela sua ressurreição. Portanto, houve um dinamismo intrínseco na existência de Cristo, dinamismo pelo qual ele se tornou naquilo que era de modo incoativo e ainda não desenvolvido.

O que é então o Cristo universal? É um Cristo plenamente integrado, na sua natureza humana, no Logos divino. Se a sua natureza humana foi deste modo assumida pelo Logos divino, enquanto Filho de Deus, tornou-se, para nós, o centro do Universo. Todavia, o que será ele para os eventuais habitantes de outros planetas?

Na medida em que são seres pertencendo ao *Reflectido*, isto é, seres que têm consciência de si, como diz Teilhard de Chardin, podemos afirmar que eles também são, ou serão, destinados a serem integrados no Logos criador. De todo o modo, na sua qualidade de seres criados, são marcadamente finitos. Enquanto seres materiais – para nós visíveis ou escapando à nossa capacidade de visualização – são também, como nós, chamados a crescer na sua identidade finita.

A questão consiste então em determinar a maneira como se lhes será dado chegar a conhecer Deus, o que para nós se realizou na existência humana de Cristo. Mas se no nosso espaço-tempo, Cristo ressuscitou, a sua existência foi plenamente transformada em Deus, de tal modo que a sua união a Deus, que exprimimos pela categoria de filiação, escapa à nossa espacialidade e temporalidade. Desde então, nada impede que o Cristo universal possa exprimir-se na sociedade extra-humana, embora material e espiritual, de uma maneira que ignoramos. Se será mediante uma nova *encarnação*, não sabemos, mas a priori podemos dizer que será de uma maneira conjuntamente material e espiritual. Não podemos com efeito limitar as capacidades de auto-revelação do Logos divino, Logos com o qual a figura de Jesus de Nazaré foi configurado. Mas então, perguntar-se-á, haverá dois Cristos, o nosso e o que poderia encarnar num ser extraterrestre? Em meu entender, só uma filosofia da pessoa pode responder à questão.

A pessoa é um ser de relação. Nesta relação, conservamos a nossa identidade, mas pela morte, somos transformados numa dimensão do criado totalmente diferente da actual e, diz-nos a fé, esta dimensão, ninguém pode descreve-la, mas ela torna-nos integrados no mundo divino, como se, pela nossa relação com ele, passássemos a fazer parte integralmente do ser de Deus. Assim, se continuamos a existir, é pela relação que nos será dada viver a partir de Deus. Noutros termos, não continuaremos a existir senão essencialmente como seres de relação, o que já somos agora. É o tecido dessas relações que, mais do que agora, definirá a nossa identidade.

Se assim for, porquê limitar aos seres vivos do planeta terra a possibilidade de participar na rede escatológica dessas relações? Se existem outros seres simultaneamente materiais e espirituais, serão seres finitos como nós, embora não se possa dizer nada sobre a sua morfologia, sobre a disposição da sua corporeidade, assim como sobre a sua maneira de serem afectados por uma

temporalidade física. Mas em meu entender, do ponto de vista da fé cristã, podemos dizer que seremos unidos a eles após a sua respectiva morte, porque todo o ser material é destinado a morrer; e esta união dependerá da maneira como o Logos divino, o Filho divino se terá manifestará a eles.

Se o «Cristo universal» de Teilhard de Chardin abrange todo o universo terrestre, será pela mediação da união de Cristo com o Logos ou Filho divino que se estabelecerá a relação espiritual entre nós e eles, eventuais seres pensantes do mundo galáctico. Isso será possível porque não podemos limitar a priori nem a capacidade criadora de Deus, nem a sua maneira de integrar todos os seres materiais-espirituais aos quais se tiver revelado.

E poderíamos continuar a perguntar: será que um outro Cristo terá que ser, outra vez, o Logos encarnado? Na verdade, a revelação divina aos eventuais habitantes de outros planetas terá que se realizar, mas não podemos nada afirmar acerca da sua modalidade; só a existência desta revelação pode e deve ser postulada, em nome da nossa própria fé em Cristo.

Michel Renaud